

OS SOBRENOMES DOS HABITANTES DE ESTRELA-RS: UM ESTUDO ONOMÁSTICO

The surname of the inhabitants of Estrela-RS: an onomastic study

*Kleber Eckert**
*Maiquel Röhrig***

RESUMO: O objetivo principal deste artigo é realizar um estudo antroponímico a partir dos sobrenomes mais populares do município de Estrela-RS. Para tanto, elaborou-se uma síntese da história sociocultural do município e fez-se um levantamento dos sobrenomes mais frequentes que aparecem na lista telefônica do município referente ao ano de 2015. De posse dos 20 sobrenomes mais frequentes, procedeu-se à divisão por origem étnica e após cada um deles foi analisado histórica e etimologicamente. Além de discutir questões inerentes à onomástica e, dentro dela, a antroponímia, chegou-se à conclusão de que existe uma relação muito próxima entre a história de ocupação e colonização de Estrela-RS, sobretudo quanto aos grupos étnico-linguísticos ali existentes, e os sobrenomes que hoje predominam no município.

Palavras-chave: Antroponímia; Sobrenomes; Estrela-RS; Origem étnica.

ABSTRACT: *The aim of this paper is to accomplish an anthroponymic study from the most popular surnames of the municipality of Estrela-RS. Therefore, a summary of the socio-cultural history of the municipality was drawn up, and a survey of the most common surnames that are in the telephone directory of the city regarding the year 2015 was made. In possession of the 20 most common surnames, a division by ethnic group was carried out, and after each one it was historically and etymologically analyzed. Besides discussing issues inherent in onomastic and, in it, anthroponymy, as a conclusion, it was found that there is a very close relation between the history of settlement and colonization of Estrela-RS, especially as for the ethno-linguistic groups therein, and the surnames that prevail in the city.*

Keywords: *Anthroponymy; Surnames; Estrela-RS; Ethnic group.*

* Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) campus Bento Gonçalves. Doutor em Letras (2014) pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) – klebereckert@hotmail.com

** Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) campus Bento Gonçalves. Doutor em Letras (2014) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – leuqiam@gmail.com

Introdução

O objetivo do presente artigo é analisar histórica e etimologicamente os sobrenomes mais frequentes do município de Estrela-RS e, a partir dessa análise, tecer considerações de diferentes perspectivas acerca desses sobrenomes. Para tanto, em primeiro lugar, elabora-se uma síntese sobre aspectos históricos e socioculturais do município de Estrela, tendo em conta os processos imigratórios de formação da comunidade, bem como as características atuais do município. Como o tema do estudo é o conjunto dos sobrenomes mais populares do município, tenciona-se refletir sobre a onomástica – ciência dos nomes próprios – e a relação dessa disciplina com outras áreas do conhecimento. Faz-se uma discussão, nessa linha, sobre a diferença entre nome comum e nome próprio, bem como entre signo linguístico e signo onomástico. Apresentam-se considerações sobre a opacidade e a transparência do signo onomástico, especialmente a partir dos estudos de Dauzat (1950), Guérios (1973), Dick (1992), Seabra (2008), Mioranza (2009) e Marcato (2009).

No campo da antroponímia, que é a parte da onomástica dedicada aos estudos dos nomes próprios de pessoas – nomes, sobrenomes e apelidos – examinam-se ponderações sobre aspectos linguísticos, psicológicos e sociais dos nomes de pessoas. Em seguida, levantam-se aspectos históricos sobre o surgimento da maioria dos sobrenomes de origem europeia – tema deste artigo – e propõem-se diferentes perspectivas de análise, sejam elas linguísticas ou extralinguísticas, de acordo com princípios teóricos de Dauzat (1950), Guérios (1973), Dick (2000), Carvalhinhos (2007), Marcato (2009) e Mioranza (2009).

Quanto à metodologia de pesquisa, inicialmente foram listados todos os sobrenomes presentes na lista telefônica de Estrela-RS, referente ao ano de 2015, restringindo-se o estudo aos sobrenomes de pessoas físicas. O fato de o *corpus* ter sido baseado em lista telefônica encontra amparo em outros estudos antroponímicos, como o de Eckert (2013) que, por sua vez, foi inspirado em estudos citados por Marcato (2009) e Rossebastiano e Papa (2005). A partir dos dados constantes na lista telefônica, todos os sobrenomes foram lançados em planilhas de cálculo (ao lado de cada sobrenome registrava-se o total de ocorrências) e ordenados em números absolutos, até chegar aos mais populares. Os 20 sobrenomes foram ainda classificados de acordo com a origem

étnico-linguística para verificar, entre outros aspectos, em que grau é verdadeiro dizer que, em Estrela, especificamente, existe um predomínio do grupo étnico-linguístico germânico sobre os demais, de acordo com a história sociocultural do município.

A partir dos 20 sobrenomes mais frequentes, pretendeu-se realizar uma classificação tipológica e uma análise etimológica de cada um deles, além de um levantamento histórico acerca da origem de cada sobrenome a respeito do seu uso no Rio Grande do Sul e no Brasil. Sobre esses usos, utilizaram-se estudos de Klering (1988), sobre os sobrenomes mais frequentes do Rio Grande do Sul; de Simões (2011), que analisa os sobrenomes de origem lusa mais utilizados no Brasil; e da Embaixada e Consulados Gerais da Alemanha no Brasil, que lista os sobrenomes de origem alemã mais populares no Brasil.

1. Breve histórico sociocultural de Estrela

A história oficial de Estrela inicia-se em 20 de maio de 1876, data em que, segundo Hessel (1983, p. 32), Tristão de Alencar Araripe, Presidente da Província, sanciona a lei que cria o município, à época englobando os territórios hoje emancipados de Estrela, Lajeado, Arroio do Meio, Teutônia, Colinas, parte dos municípios de Encantado e de Imigrante. No entanto, antes de a fundação do município ser encabeçada por Antônio Vítor de Sampaio Mena Barreto, o território foi ocupado por diferentes povos.

Ainda hoje há marcas da ocupação indígena na região, com reservas indígenas em algumas localidades. Os índios pertenciam ao grande grupo étnico dos tupi-guaranis, que, a partir do século XVII, viram suas populações reduzirem-se até o quase extermínio pelos portugueses que iniciaram uma maior colonização do local, a qual recebe um grande impulso em 1740, quando a região do Vale do Rio Taquari, dentro da qual se situa Estrela, recebe vários portugueses, os quais se fixam principalmente na localidade onde hoje encontramos o município de Taquari.

Naquela época, ao invés de municípios, como temos hoje, havia sesmarias, ou seja, grandes fazendas concedidas pelo governo aos colonos que as recebiam mediante a condição de ocupá-las e fazê-las produzir alimentos, o que significava, entre outras

medidas, expulsar as populações nativas e derrubar as matas. Nesse contexto, Estrela começa a se desenhar como município a partir de 1824, quando parte da Fazenda Estrela passa a ser administrada por João Inácio Teixeira, que rompe a sociedade que tinha com seu irmão, José Inácio Teixeira. Este fato marca a divisão da Fazenda entre os dois irmãos Teixeira, cada um ficando com uma fatia de terra separada da outra pelo rio Taquari, e sinaliza os primórdios de uma rivalidade entre as populações dos dois municípios, e cujos resquícios ainda são sentidos por parte da população de Estrela e Lajeado, que mencionam essa rivalidade frequentemente nas conversas do dia a dia.

É deste período a primeira leva de imigrantes alemães. Segundo Ferri (1991, p. 78), “A 25 de julho de 1824, chegava a primeira leva de imigrantes alemães, destinados inicialmente, à colônia de São Leopoldo, criada nesse mesmo ano pela Imperatriz Dona Leopoldina”. Em 1830, a colonização alemã foi temporariamente suspensa, mas é retomada logo depois, durante a Revolução Farroupilha.

O recrudescimento do processo de colonização ocorre devido a condições políticas exteriores, sobretudo devido à ameaça da independência do território do Uruguai, que se concretizou em 1828, motivo por que, de acordo com Schierholt (2002, p. 30), “D. Pedro I planejou povoar e colonizar o Rio Grande do Sul com imigrantes alemães, para garantir sua integração ao Império brasileiro e, também, para reforçar o Exército imperial”.

Esse período coincide com uma delicada situação política e econômica da Alemanha. O país, ao mesmo tempo em que sofria com as guerras napoleônicas, via a urbanização impulsionar o êxodo rural e ampliar suas danosas consequências, como o desemprego. É isso o que nos diz Schierholt (2002, p. 30), segundo o qual “o povo alemão sofria as consequências das guerras napoleônicas e a falta de unidade política. Para que esta se concretizasse, novas guerras estavam previstas. [...] Com a revolução industrial, a Alemanha estava se proletarizando.”. Devido a essas questões, parte expressiva da população vivia em situação de vulnerabilidade, e, por isso, via na emigração uma oportunidade de melhores condições de vida. Isso posto, aceitavam a viagem ao Brasil e enchiam-se de esperança com as propostas do governo brasileiro, considerando-as vantajosas a despeito dos gigantescos desafios que os aguardavam,

entre eles, a língua, a geografia, a cultura, o clima, a falta de infraestrutura e tantos outros.

Depois de ocuparem a região de São Leopoldo, os imigrantes alemães “seguiram os cursos d'água, que eram o caminho mais favorável, atingindo os vales dos rios Jacuí, Pardo e Taquari” (FERRI, 1991, p. 78). No “ano de 1856, começou o povoamento das terras de Vitorino José Ribeiro, entre os arroios Estrela e Boa Vista. Em 1870, Antônio Vítor de Sampaio Mena Barreto fundava o povoamento de Santo Antônio de Estrela, hoje Estrela” (FERRI, 1991, p. 79).

O longo processo de colonização levou à predominância da população branca na região. Schierholt (2002, p. 22) destacou este aspecto dizendo que “O fenômeno da colonização, iniciada em 1855 em Estrela, deu o caldo grosso de 82% ou mais na formação étnica dos estrelenses.”. Entretanto, em meados do século XIX a situação era diferente, em vista da grande quantidade de escravos que trabalhavam nas fazendas da região. Em relação a isso Schierholt afirma:

Conjetura-se, com bons fundamentos, que na primeira metade do século 19 a população negra no Alto Taquari superasse em número a população branca; com a colonização germânica, o grosso dessa gente de sangue africano deve ter descido com as águas do Taquari, em cujos portos, embarcações ou passos, muitos deles ganharam a vida ou a sobrevivência após a Abolição (1888). (2002, p. 22).

Hoje, embora diversificada, a constituição étnica do município de Estrela guarda as marcas destes quase dois séculos de ocupação do território pelos imigrantes portugueses, alemães e italianos, sobretudo, bem como de diversos outros países que, ao longo do século XX, aumentaram a diversidade cultural da região. Hoje, o município conta com descendentes de poloneses, austríacos, holandeses, espanhóis, franceses, ingleses, entre vários outros. Nos últimos anos, tem recebido ainda, grande quantidade de imigrantes haitianos, que procuram a região para trabalhar e estudar.

2. A onomástica¹

¹ Parte das reflexões sobre a onomástica e a antroponímia foram aproveitadas do artigo sobre os antroponímicos do município de Lajeado-RS, publicado por Eckert (2013, p. 142-149) e que consta nas referências do presente artigo.

Um dos ramos da lexicologia é a onomástica, ciência que estuda a origem e a formação dos nomes próprios. O termo é formado por dois radicais de origem grega, *onoma* (nome) e *tékne* (arte), cujo resultado, *onomastiké*, significa *a arte de nomear*. No latim tardio, a palavra aparece como *onomasticon*, que evolui e chega ao Português como onomástica². De acordo com Mioranza (2009), por um longo período de tempo o vocábulo foi usado para indicar o estudo de todos os nomes próprios, de pessoas e de lugares.

O estudo da onomástica é interdisciplinar, posto que está em constante diálogo com outras áreas da linguística, dentre elas, com a linguística histórica que

estuda as raízes antigas e distantes que propiciaram o surgimento e a fixação dos nomes e sobrenomes. Essa parte da linguística, que busca origens e remonta aos vocábulos **antigos**, é chamada de etimologia. Os estudos etimológicos se voltam, portanto, sempre para o passado e procuram interpretar não somente as raízes lexicais como também todo o contexto histórico e social em que elas surgiram (MIORANZA, 2009, p. 27).

Atualmente a onomástica subdivide-se em dois grandes campos de investigação, que, conforme Marcato (2009), são a toponímia e a antroponímia. A primeira também recebe a designação de antroponomástica, se ocupa dos nomes próprios de pessoa, isto é, os antropônimos. A segunda, chamada também de toponomástica, estuda os nomes de lugar, ou seja, os topônimos.

Guérios (1973) também trabalha com a divisão da disciplina em duas grandes áreas e afirma que

O estudo dos nomes próprios classificam-no primordialmente em *nomes de pessoas*, a que se dá o título de *Antroponímia* (expressão que pela primeira vez foi empregada por J. Leite de Vasconcelos na *Revista Lusitana*, I, 45), e em *nomes de lugares* ou *geográficos*, que se denomina *Toponímia* (nomes de nações, províncias, cidades, sítios, montanhas, vales, rios, etc.) (GUÉRIOS, 1973, p. 15, grifos do autor).

Seabra, por sua vez, pondera, em relação a essa divisão, que as duas grandes áreas são formadas por “elementos linguísticos que conservam antigos estágios denominativos” (2008, p. 1945). É o que também esclarece Dauzat (1950), quando defende que tanto os nomes de pessoas quanto os de lugares sofrem os mesmos

² Segundo Guérios (1973), a onomástica, que é a ciência dos nomes próprios, também pode ser chamada de onomatologia.

fenômenos de cristalização e de esterilização linguísticas. O autor alerta, no entanto, que os primeiros são bem menos arcaicos que os segundos, uma vez que

o aspecto do solo, as montanhas, os rios e zonas ribeirinhas permanecem fixos durante dois ou três milênios de história; a cidade, a aldeia duram mesmo durante séculos. Ao contrário, as gerações se sucedem rápidas, favorecendo as mudanças e o desaparecimento de nomes, sobretudo no decurso de períodos turbulentos. [...] as variações de moda, tão poderosas para os nomes de pessoas, não tiveram quase nenhuma influência sobre os nomes de lugares (DAUZAT, 1950, p. 05)³

Para além de uma atividade meramente diletante, os estudos onomásticos têm importante relevância cultural e histórica, conforme defende Dick (1992) ao afirmar que tanto a antroponímia quanto a toponímia

ultrapassam, em muito, a conceituação teórica que lhes é atribuída, tornando-se nas Ciências Humanas, fontes de conhecimento tão excelentes quanto as melhores evidências documentais. São, por assim dizer, verdadeiros registros do cotidiano, manifestado nas atitudes e posturas sociais que, em certas circunstâncias, a não ser deles, escaparia às gerações futuras (DICK, 1992, p. 178).

Mas, afinal, qual é a diferença entre nome comum e nome próprio? Em relação a esse questionamento, Marcato (2009) afirma que há nisso um impasse que consiste em identificar um sistema de nomes próprios com relação a um sistema de nomes comuns, já que o objeto de estudo da onomástica são os nomes próprios.

Para Guérios (1973), a distinção entre o nome próprio e o comum é artificial na perspectiva do linguista, pois, na sua origem, seja ela remota ou não, todos os nomes próprios eram nomes comuns. Apesar da aparente artificialidade, segundo o autor, existe uma distinção real e concreta:

Todos os vocábulos ou signos possuem “alma”, i. é, *sentido* ou *significado*, e “corpo” ou *significante*, que é, na linguagem falada, o *som*, e na linguagem gráfica a *escrita*. Ora, os nomes próprios não lembram hoje, no intercâmbio linguístico, os sentidos que despertavam outrora na sua origem, nem lembram outros, donde se conclui que são vocábulos desprovidos de “alma”, ou melhor, ficaram “petrificados”; apenas conservaram o “corpo” ou *significante* (GUÉRIOS, 1973, p. 15-16, grifos do autor).

³ As traduções do francês e do italiano para o português, constantes neste texto, foram realizadas pela professora Vitalina Maria Frosi da Universidade de Caxias do Sul – UCS.

De maneira muito semelhante, Marcato (2009) alerta que nem sempre a onomástica é vista como pertencente à linguística. Ela o diz porque o nome próprio não é considerado totalmente um signo linguístico, exatamente pela “falta (ou a debilidade) do *significado* que é uma parte (a outra é o assim chamado *significante*) de que é composto um signo linguístico” (2009, p. 18).

A autora ainda complementa a reflexão ao justificar por que o signo onomástico é considerado uma etiqueta ou um rótulo:

Com relação a um signo linguístico, o signo onomástico é formado por um *significante*, uma entidade fônica que se reporta diretamente a um indivíduo, que tem a função de identificar um indivíduo no interior de uma coletividade, sem a passagem por um significado relativo a um elemento ou objeto, individual e concreto, isto é, a um “referente” (MARCATO, 2009, p. 19).

Marcato (2009, p. 18) traz à discussão os conceitos de opacidade e transparência do signo onomástico. Para a autora, um signo transparente existe quando, ao nome próprio, há a possibilidade de associar elementos do vocabulário de dada língua, o que ocorre no italiano com *Monte Bianco*, por exemplo. Por outro lado, quando essa possibilidade inexistente, é porque o signo onomástico foi criado numa época remota, quando no território em que ocorre esse signo falava-se outra língua, como ocorre com o topônimo *Verona*. Neste último caso, diz-se que o signo é opaco.

Na mesma perspectiva, Seabra (2008) explica como se dá a opacidade do signo onomástico. Para a pesquisadora, “a pessoa identifica alguém ou uma determinada localidade sem, entretanto, atribuir-lhe um significado, preserva o referente, mas não preserva a informação. É assim que os topônimos e os antropônimos mais comumente permanecem na língua” (p. 1951).

Embora com outras palavras, Guérios (1973, p. 16) também discute a opacidade e a transparência do signo onomástico. O exemplo de signo opaco é o antropônimo *Licurgo*, que atualmente não lembra o primitivo caçador de lobos. Já um exemplo de signo transparente é o topônimo *Bahia*, uma vez que uma localidade que assim se chama pode traduzir, de fato e na atualidade, uma baía.

Por toda a complexidade que envolve a semântica do nome próprio, é preciso examiná-lo levando em conta também uma perspectiva extralinguística, seja ela

diacrônica ou sincrônica (MARCATO, 2009). Além disso, é preciso considerar a onomástica num diálogo com outras áreas, fora da linguística, tais como a antropologia, a sociologia, a geografia, a história e a psicologia (MIORANZA, 2009).

2.1. A antroponímia

Nos estudos antroponímicos, inclui-se o estudo dos nomes, dos sobrenomes e também dos apelidos. Conforme Carvalhinhos, o estudo dos antropônimos é tomado como importante apenas nos meios acadêmicos, apesar de o nome ser algo comum do nosso dia a dia. Para a pesquisadora, “o nome próprio tem como função registrar atitudes e posturas sociais de um povo, suas crenças, profissões, região de origem, entre outros aspectos” (2007, p. 02).

Marcato (2009, p. 29) alega que o patrimônio dos nomes pessoais é resultado de nomes históricos, por um lado, e, por outro, pode ser motivado por modas de momento. Já para Carvalhinhos, a motivação antroponímica, atualmente, pode ser considerada uma questão de fé, por uma parte, e, por outra, de influência televisiva, já que “a tendência da grande massa da população brasileira é nomear suas crianças com o nome do(a) herói/heroína da novela que está sendo exibida com grande sucesso; em homenagem a seu santo ou santa de devoção, ou em agradecimento por uma graça alcançada” (2007, p. 02).

Marcato, para quem “o nome tem a função de uma etiqueta, serve para identificar um indivíduo em si, absolutamente, em referência a todos os outros que formam a coletividade” (2009, p. 30), apresenta uma diferença em relação ao sistema dos sobrenomes e dos nomes. Enquanto o sistema daqueles só se modifica de forma muito limitada, o sistema destes é flexível e pode mudar continuamente. Para a autora, pode-se perceber essa modificação pelos novos nomes que entram em uso por modas onomásticas e outros que são abandonados na passagem das gerações.

Dauzat (1950) e Guérios (1973) afirmam que os antropônimos, sejam eles nomes ou sobrenomes, podem ser estudados em duas perspectivas principais: sob o aspecto linguístico e sob o aspecto psicológico e social. O interesse linguístico reside no fato de os antropônimos oferecerem, em todas as épocas, fatos de estratificação e de

esterilização, tanto que Dauzat afirma que são “fósseis da língua, restos de leitos históricos submersos pelos contributos sucessivos das sedimentações lexicais, eles permitem reconstituir formas e tipos desaparecidos da fala corrente” (1950, p. 9). Quanto ao aspecto psicológico e social, os antropônimos carregam consigo marcas de civilizações passadas ou então “refletem as civilizações passadas com todas as suas instituições. Os nomes são criados sob o influxo religioso, político, histórico, etc., de circunstâncias variadíssimas, e em que transparece viva a alma popular de todos os tempos e de todos os lugares” (GUÉRIOS, 1973, p. 18).

Ademais, para Dauzat (1950), com os nomes de pessoas é possível entrar no cerne da alma popular de épocas passadas. O autor complementa que esses nomes são símbolos vivos de crenças e de superstições hoje desaparecidas. Perspectiva semelhante é apresentada por Carvalhinhos, para quem o nome das pessoas é “um manancial rico para conhecimento não apenas da língua, mas também permite apreender um pouco da cultura, religião e até ideologia do povo que o criou em determinada época” (2007, p. 16).

Ainda numa perspectiva histórica, Carvalhinhos (2007) defende que, na língua portuguesa, por exemplo, a história do nome está estreitamente vinculada à própria história da língua.

Os nomes medievais (período das Navegações) provêm, naturalmente, dos nomes adotados pelos povos que habitavam a Península, lusitanos e hispanos, dominados e influenciados pelos fenícios, gregos e em seguida pelos romanos que, por sua vez, cederam o território aos povos germânicos (já latinizados) e posteriormente aos árabes (CARVALHINHOS, 2007, p. 7).

Dauzat (1950) apresenta uma divisão trinarria acerca da origem primeira dos nomes de pessoas:

Denominações de ordem mística, cujos prenomes emprestados à hagiografia são a última metamorfose. Denominações de origem tiradas da moradia, da propriedade, do país, do lugar, ou até mesmo da época do nascimento: muitos patronímicos e muitos apelidos vêm da lá. Denominações causadas pelo aspecto psíquico, o caráter do indivíduo, sua profissão ou seus hábitos: a fonte mais abundante de apelidos que são a origem da maioria dos nomes de família (DAUZAT, 1950, p. 13).

Já a origem da formação da maioria dos sobrenomes europeus remonta à Idade Média. Na Itália, por exemplo, eles se fixaram a partir de apelidos e outros elementos que eram acrescentados ao nome pessoal. Eles também são chamados de nomes de família, e pode-se dizer que são transmitidos ao longo de uma linha de descendência e que têm a função de distinguir um indivíduo em relação aos demais que formam uma coletividade (MARCATO, 2009).

Sobre a diferença entre o sobrenome e o nome (ou prenome), Dick (2000) afirma que

Transmitido de geração a geração, o nome ou o apelido de família carrega em si todas as marcas da descendência gentílica, não sendo por isso livre escolha dos cidadãos. A imposição obrigatória do que se convencionou chamar, atualmente, de sobrenome, é o seu traço distintivo, em oposição ao prenome, fruto de um ato volitivo dos pais (DICK, 2000, p. 218).

O sistema binominal moderno (nome mais sobrenome), hoje utilizado, surge a partir do sistema nominal romano, que era formado por três elementos. Na época, a fórmula trinômica compreendia o prenome ou nome individual, o nome ou a *gens* e o sobrenome ou o apelido. Na época republicana de Roma, o prenome perde sua função de nome individual, que passa a ser ocupada pelo nome (MARCATO, 2009).

Séculos mais tarde, entre o IX e o XVI, na Europa românica e germânica “forma-se um novo sistema constituído pelo nome e sobrenome determinado pela fixação de vários tipos de acréscimos, que originariamente têm somente uma função distintiva para evitar as ambiguidades criadas pelas homonímias” (MARCATO, 2009, p. 67).

Acerca da herança histórica dos sobrenomes formados na Idade Média, Mioranza (2009) ratifica o já citado, ao defender que

os sobrenomes surgiram de uma necessidade premente de distinguir os grupos familiares. Eles são vistos, hoje, como herança de uma estrutura nominativa medieval, inserida na sociedade da época. Atravessando os séculos, essa estrutura persiste até hoje, sinal de que a reformulação processada em tempos medievais foi válida e ainda tem sua serventia em nossos dias (MIORANZA 2009, p. 134-135).

Os sobrenomes podem ser classificados em três grandes categorias, considerando-se o que De Felice (1978, apud Marcato, 2009, p. 80-81) chama de função descritiva. A primeira compreende os nomes de tradição genérica ou não específica, sem conotações socioculturais; os nomes de tradição religiosa; os nomes augurais e gratulatórios de formação medieval; os nomes de tradição douta, literários ou históricos, que foram retomados no fim da Idade Média e no Renascimento.

O segundo grupo é formado por sobrenomes que se originaram de apelidos que realçam características de uma pessoa ou do próprio grupo familiar, com o objetivo de distingui-lo dos demais. Podem ser apelidos de ordem jocosa, satírica, polêmica, depreciativa ou ofensiva, além de referências ao intelecto, ao caráter ou ao comportamento. Como exemplo, no italiano, *Piccolo* (pequeno), no germânico, *Bruno* (que tem olhos ou cabelos castanhos) e no português, *Branco*.

A terceira categoria compreende os sobrenomes de origem étnica e toponímica, tais como no italiano *Tedesco* (alemão) e *Milani* (Milão); patronímicos e matronímicos, como no português *Rodrigues* (filho de Rodrigo) e no italiano *Di Pietro*; nomes de atividades profissionais, como no italiano, *Fabbro* (ferreiro) e no alemão, *Schneider* (alfaiate). Desta última subcategoria, Guérios apresenta a profissão de cavaleiro “a que correspondem os italianos *Cavalcanti*, *Cavallieri*; francês: *Chevalier*; espanhol: *Caballero*; port.: *Cavaleiro*” (1973, p. 25, grifos do autor).

Também numa perspectiva classificatória, Carvalhinhos (2007, p. 8–13) sintetiza, no esquema a seguir, a origem dos sobrenomes: o uso do patronímico, que era o genitivo do nome paterno acrescentado ao nome, como *Fernandes* (filho de Fernando); os sobrenomes de motivação religiosa, como os epítetos dados a alguns santos (Assis, Sales, Batista); os de origem toponímica (Lago, Ramos, Resende) e os que derivaram de alguma alcunha, tais como mês ou condições de nascimento, profissão, qualidades ou defeitos físicos ou morais.

Guérios (1973, p. 42) ainda questiona se todas as pessoas que possuem o mesmo sobrenome originam-se de uma só família. O autor busca a resposta apoiado na tese defendida por Leite de Vasconcelos de que é preciso, neste caso, visitar a História e, mais especificamente, a Genealogia, e não tanto a Filologia.

Apelidos [sobrenomes] provindos de patronímicos, [...] não indicam necessariamente parentesco, o que não significa que ele às vezes não exista. [...] Bastava que um indivíduo se chamasse ou chame *Rodrigo*, para que o filho recebesse ou receba o sobrenome de *Rodriguez* ou de *Rodrigo*, depois transmitido como apelido [sobrenome] (GUÉRIOS, 1973, p. 43, grifos do autor).

Opinião semelhante Guérios (1973, p. 43) expressa acerca dos sobrenomes que provêm da geografia, de alcunhas e de línguas estrangeiras. No entanto, a respeito dos sobrenomes portugueses, por exemplo, que ele considera raros ou pouco vulgares, tais como *Perantunes*, *Cirne* e *Soeiro*, parece haver a possibilidade de uma ascendência comum.

Marcato (2009) também levanta a dificuldade em estabelecer relações entre um topônimo, um étnico e um sobrenome, tal como acontece com o sobrenome italiano *Cargnello* – e suas variantes. Para a autora, o antropônimo “pode vir do étnico claramente conexo com *Carnia*, região do Fríuli, ou também de um nome relativo a uma atividade que tem como base o termo *cargnello* (derivado do étnico) ‘tecelão’, um trabalho que os ‘carnienses’ praticavam em toda a planície Padana” (MARCATO, 2009, p. 65, grifos da autora).

Outra dificuldade que a autora observa é que o sobrenome, como forma linguística, pode ter sofrido mudanças através da transmissão, sejam elas em nível de língua oral, sejam em nível de tradição escrita. Muitos sobrenomes sofreram modificações por causa de mal-entendidos, de adequações à língua oficial e de tendências notariais, e por isso não é em todos os casos que se consegue reconstruir a sua história linguística (MARCATO, 2009).

Finalmente, é preciso atentar-se para a semântica do nome próprio em toda a sua complexidade, examinando-o a partir de diferentes perspectivas, sejam elas linguísticas e extralinguísticas, sincrônicas e diacrônicas. Apesar dessas diferentes perspectivas, haverá sobrenomes que continuarão opacos, uma vez que o significado que eles tinham, quando surgiram, perdeu-se completamente no transcorrer do tempo (MARCATO, 2009).

3. Os 20 sobrenomes mais frequentes do município de Estrela-RS

A partir dos dados colhidos na lista telefônica do ano de 2015, foram levantados 862 sobrenomes diferentes, num total de 2.528 registros. Os 20 sobrenomes mais comuns, que equivalem 634 registros, são: Silva⁴ (80), Mallmann (63), Sulzbach (47), Huschild (42), Horn (42), Müller (35)⁵, Diehl (34), Santos⁶ (33), Diedrich (31), Schneider (31), Schmidt⁷ (26), Petter (24), Gregory (22), Eidelwein (20), Wendt (20), Werle (18), Goergen (17) Wermann (17), Oliveira⁸ (16) e Scherer⁹ (16).

Nesses sobrenomes, encontram-se 17 de origem alemã (Mallmann, Sulzbach, Hauschild, Horn, Müller, Diehl, Diedrich, Schneider, Schmidt, Petter, Gregory, Eidelwein, Wendt, Werle, Goergen, Wermann e Scherer) e apenas 03 de origem portuguesa (Silva, Santos e Oliveira), o que corresponde a 85 e 15%, respectivamente (Gráfico 01).

Essas ocorrências podem ser analisadas e entendidas a partir da história de ocupação e colonização do município de Estrela, em cuja formação étnica há resquícios de vários grupos, embora houvesse predominância de imigrantes alemães e de seus descendentes. O reduzido percentual de sobrenomes de origem lusa, na atualidade, que na origem do município estavam, provavelmente, em maior número em função do predomínio desse grupo étnico sobre os demais – indígenas e escravos negros – também pode ser compreendido à luz da maciça chegada de imigrantes alemães que, a partir da emancipação do município, passaram a ocupar grande parte de seu território.

⁴ Nos registros telefônicos, encontraram-se os sobrenomes *Silva* e *da Silva*. Para fins operacionais, ambos foram considerados sinônimos. Neste artigo, far-se-á referência sempre à forma *Silva*.

⁵ O sobrenome *Müller* é também encontrado como *Mueller*. Para fins operacionais, ambos foram considerados sinônimos.

⁶ Nos registros telefônicos, encontraram-se os sobrenomes *Santos* e *dos Santos*. Para fins operacionais, ambos foram considerados sinônimos. Neste artigo, far-se-á referência sempre à forma *Santos*.

⁷ O sobrenome *Schmidt* é também encontrado como *Schmitt*. Para fins operacionais, ambos foram considerados sinônimos.

⁸ Nos registros telefônicos, encontraram-se os sobrenomes *Oliveira* e *de Oliveira*. Para fins operacionais, ambos foram considerados sinônimos. Neste artigo, far-se-á referência sempre à forma *Oliveira*.

⁹ O sobrenome *Scherer* é também encontrado como *Scheren*. Para fins operacionais, ambos foram considerados sinônimos.

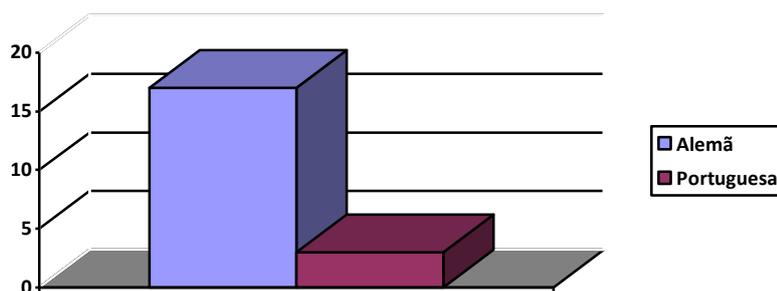


Gráfico 01 – Os 20 sobrenomes mais comuns por origem étnica.

Em relação aos números absolutos, dos 20 sobrenomes com maior frequência, novamente os de origem alemã se sobrepõem aos de origem portuguesa. Das 634 ocorrências, há 505 de origem alemã e 129 de origem portuguesa, o que corresponde a 79,65% e 20,35%, respectivamente (Gráfico 02).

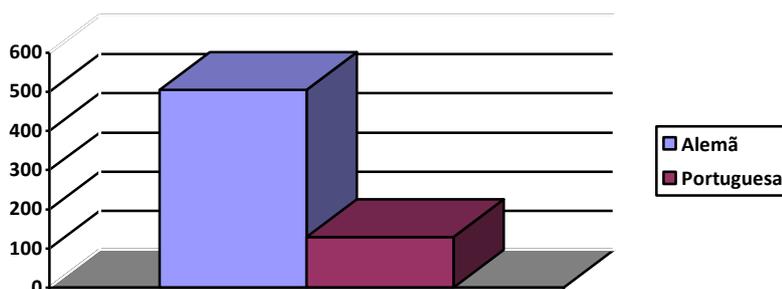


Gráfico 02 – Os 20 sobrenomes mais comuns por origem étnica em números absolutos.

Levando-se em conta a tipologia dos sobrenomes, identificaram-se algumas categorias, tais como sobrenomes alusivos a ocupações e/ou profissões: Mallmann, Hauschild, Müller, Diehl, Schneider, Gregory, Eidelwein, Wermann, Scherer e Schmitt, respectivamente juiz, soldado, moleiro, apicultor, alfaiate, vigilante, produtor de vinhos finos, guerreiro, tosquiador e ferreiro; de origem geográfica: Silva, Sulzbach, Horn e Oliveira, respectivamente selva, cidade da Alemanha, aldeia da Alemanha e árvore que produz azeitonas; patronímicos: Petter e Goergen, com o significado de Pedro e George (Jorge), respectivamente; de origem religiosa: Santos; gratulatório: Diedrich, com o significado de povo/pessoa rica; entre outros, como Wendt e Werle, cujo significado não foi localizado. (Gráfico 03).

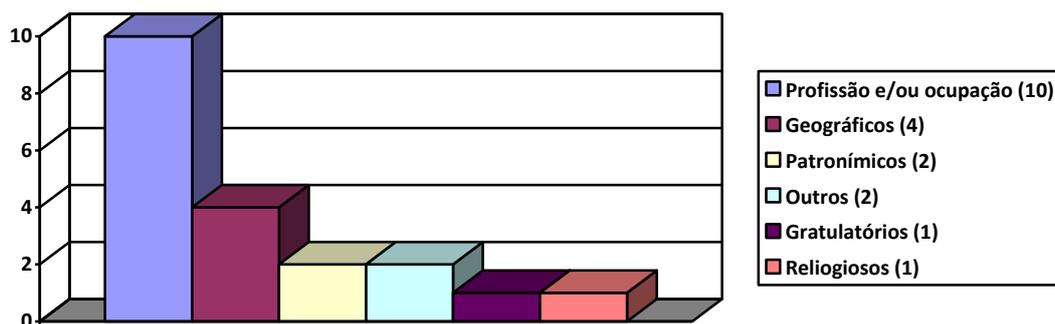


Gráfico 03 – Os 20 sobrenomes mais comuns por tipologia.

Tomando como *corpus* de análise os 20 sobrenomes com maior frequência, far-se-á, a seguir, uma análise histórico-etimológica de cada um deles. Também serão estabelecidas comparações com dados numéricos do Rio Grande do Sul, com base num estudo realizado por Klering¹⁰ (1988) na Companhia de Processamento de Dados do Estado do Rio Grande do Sul; com Simões (2011), que lista os sobrenomes de origem portuguesa mais populares do Brasil; e com dados disponíveis no sítio eletrônico da Embaixada e Consulados Gerais da Alemanha no Brasil em relação, nos quais estão listados os sobrenomes de origem germânica mais usados no Brasil, numa atualização em fevereiro de 2015¹¹.

SILVA – É o sobrenome com maior representatividade em Estrela, no Rio Grande do Sul e no Brasil. O sobrenome vem da palavra latina *silva*, com o significado de selva ou floresta (GUÉRIOS, 1973, p. 199). Mioranza (2009, p. 212) amplia as explicações sobre a origem do sobrenome afirmando que “este nome de família relembra cidadão que habitava em áreas de selvas e florestas ou que delas extraía madeira, lenha e outras riquezas comercializáveis”. É possível também que o nome guarde estreita relação com o culto a divindades que residiam nos bosques, remetendo a uma tradição pagã que resistia ainda entre os séculos VIII e XI (GUÉRIOS, 2009, p. 212). No Brasil, os primeiros moradores com o sobrenome Silva registram-se no estado

¹⁰ Para estimar os nomes mais comuns do Rio Grande do Sul. O autor utilizou uma amostra de 951.645 pessoas, o que correspondia, na época, a 10,72% da população total do Estado.

¹¹http://www.brasil.diplo.de/Vertretung/brasilien/pt/___pr/Nachrichten_20Archiv/23.02.15_20Sobrenomes_20_alemaes.html?archive=3303638 Acesso em: 18 de set. de 2015.

de São Paulo, com a família de Pedro da Silva, um alfaiate que emigrou de Portugal por volta do ano 1612 (BARATA; BUENO, 1999, p. 2.065).

MALLMANN – É o sobrenome de origem alemã com maior quantidade de ocorrências em Estrela e também é um dos sobrenomes alemães mais comuns do Rio Grande do Sul e do Brasil. A origem do sobrenome é profissional ou ocupacional, e pode ser dividido em duas partes: “*Mann* significa homem. O termo *Mall* desapareceu da língua alemã. Entre os francos, povo de raça germânica que invadiu a Gália, significou tribunal. Mallmann talvez fosse o juiz ou aquele que manteve em ordem o lugar do julgamento”, de acordo com informações disponibilizadas em www.mallmann.jur.adv.br (2012, grifos nossos). No Brasil, a primeira família com o sobrenome Mallmann estabeleceu-se em 1845, no município de Petrópolis, estado do Rio de Janeiro (BARATA; BUENO, 1999, p. 1.412).

SULZBACH – Trata-se do segundo sobrenome de origem alemã mais frequente em Estrela, mas não figura entre os mais populares do Rio Grande do Sul e do Brasil. O sobrenome origina-se de uma pequena cidade da Alemanha, chamada Sulzbach, que está localizada no Sarre, quase na divisa com a França. Portanto, a origem do sobrenome é toponímica. De acordo com Barata e Bueno (1999, p. 2.161), famílias com esse sobrenome chegaram ao Rio Grande do Sul em 1824, ano em que iniciou o processo de imigração de alemães para o Estado, e, segundo os autores, os Sulzbach estão entre os primeiros imigrantes que se estabeleceram em território gaúcho.

HAUSCHILD – É o terceiro sobrenome de origem alemã mais popular de Estrela, mas não aparece entre os mais frequentes do Rio Grande do Sul e do Brasil. Quanto à origem do sobrenome, há várias hipóteses, todas elas ligadas a profissões ou ocupações: guardiões do tribunal de justiça, lutadores com escudos ou até mercenários, conforme informações disponíveis em http://www.hauschildt-aukrug.de/hauschildt_name.htm. Barata e Bueno (1999, p. 1.180) mencionam apenas que Hauschild é o sobrenome de família estabelecida no Rio Grande do Sul.

HORN – Trata-se do quarto sobrenome de origem alemã mais frequente em Estrela, mas não consta nas listas dos mais utilizados no Rio Grande do Sul e no Brasil. A origem do sobrenome está ligada ao topônimo Horn, que é um município da Alemanha localizado no distrito de Rhein-Hunsrück, estado da Renânia-Palatinado, do

qual, provavelmente, surgiu o sobrenome. Barata e Bueno (1999, p. 1.203) confirmam a origem toponímica do sobrenome e acrescentam que o significado é chifre ou, em forma de chifre.

MÜLLER – É o quinto sobrenome de origem alemã mais frequente de Estrela, o quarto do Rio Grande do Sul e do Brasil. Trata-se de um sobrenome profissional ou ocupacional que significa moleiro, isto é, que atua em moinhos, pois em alemão a palavra moinho escreve-se *mühle* (GUÉRIOS, 1973, p. 160). Barata e Bueno (1999, p. 1.576) também explicam a origem do sobrenome a partir da profissão de moleiro e acrescentam que há muitas famílias Müller espalhadas pelo Brasil, principalmente nas regiões Sul e Sudeste.

DIEHL – É o sexto sobrenome de origem alemã mais comum em Estrela, está entre os quinze mais populares do Rio Grande do Sul, mas não se encontra na lista dos sobrenomes alemães mais usados no Brasil. A origem do sobrenome é incerta, mas há, de acordo com o site da família Diehl, grandes possibilidades de o sobrenome derivar da profissão de apicultor, com os primeiros registros por volta de 1344, no atual território da Alemanha¹². Barata e Bueno (1999, p. 867) informam apenas que Diehl é um sobrenome de família estabelecido no Rio Grande do Sul, inicialmente na cidade de Porto Alegre.

SANTOS – Trata-se do segundo sobrenome de origem portuguesa mais comum de Estrela, do Rio Grande do Sul e do Brasil. Para Guérios (1973, p. 195), o sobrenome é de origem cristã, e é uma abreviação da expressão Todos os Santos, numa referência à comemoração de todos os santos da igreja católica, que acontece no dia 1º de novembro. Barata e Bueno (1999, p. 2.010-11) acrescentam que, inicialmente, era um sobrenome acrescentado ao nome das pessoas que nasciam em 1º de novembro e que, com a idade média, se popularizou por toda a Península Ibérica. É possível, ainda, que a origem do sobrenome esteja ligada a uma região na Andaluzia, Espanha, chamada de *Sierra de Los Santos* (BARATA; BUENO, 1999, p. 2.011).

DIEDRICH – É o sétimo sobrenome de origem alemã mais popular de Estrela, mas não figura na lista dos mais frequentes do Rio Grande do Sul e do Brasil. A origem

¹² <http://genealogiafiliadiel.blogspot.com.br/2009/09/origem-do-sobrenome-diehl.html>. Acesso em: 18 de set. de 2015

do sobrenome tem caráter gratulatório, e tem o significado de pessoa rica, o que revela o desejo dos pais em relação ao nome dado ao filho, já que Diedrich surgiu inicialmente como alcunha, passando a ser nome e depois sobrenome, conforme informações disponíveis no sítio eletrônico da família¹³. Barata e Bueno (1999, p. 866) não citam a presença do sobrenome no Rio Grande do Sul, e limitam-se a informar que o sobrenome é de uma família germânica estabelecida no Paraná, no século XIX.

SCHNEIDER – É o oitavo sobrenome de origem alemã mais frequente em Estrela, o quinto no Rio Grande do Sul e no Brasil. Trata-se de um sobrenome de origem profissional, com diversas interpretações: alfaiate; negociantes de roupas, de ternos; podador de árvores; ceifador; lapidário ou gravador (GUÉRIOS, 1973, p. 196), uma vez que o sobrenome significa, literalmente, cortador. Barata e Bueno (1999, p. 2.040) informam que o sobrenome significa alfaiate e que os primeiros registros no Brasil ocorreram em 1845, por ocasião da colonização germânica de Petrópolis-RJ. Já no Rio Grande do Sul, os primeiros registros remontam ao ano de 1851, com uma família Schneider estabelecida em Porto Alegre.

SCHMIDT – É o nono sobrenome de origem alemã mais popular de Estrela, o primeiro entre os alemães do Rio Grande do Sul e também do Brasil. A primeira menção ao sobrenome está ligada à profissão, como aquele que se dedica ao trabalho com objetos duros, como madeira e metal. Há também referência ao operário de metais, como o ourives e, por fim, efetivamente, ferreiro (GUÉRIOS, 1973, p. 196). De acordo com Barata e Bueno (1999, p. 2.038) os primeiros registros do sobrenome Schmidt, no Brasil, ocorrem em Petrópolis-RJ, em 1845, por ocasião da sua colonização por imigrantes germânicos.

PETTER – Trata-se do décimo sobrenome de origem alemã mais comum de Estrela, mas não está entre os mais frequentes do Rio Grande do Sul e do Brasil. A origem do sobrenome está ligada à forma alemã do nome Pedro e, por isso, pode-se inferir que ele surgiu como patronímico. De acordo com Oliver (2005, p. 265) o antropônimo vem “do grego Pétros, de petra, lit. pedra, tradução do aramaico Cephias [...]. Desde a Antiguidade, tem sido um dos nomes cristãos mais comuns”. Obata (1986,

¹³ <http://imigrantedietrich.blogspot.com.br/search/label/Hist%C3%B3ria> Acesso em: 18 set. 2015.

p. 158) informa que o nome foi um dos primeiros da cristandade e que, até hoje, é muito comum em vários países.

GREGORY – Trata-se do décimo primeiro nome de origem alemã mais frequente de Estrela, mas não está entre os mais populares do Rio Grande do Sul e do Brasil. A origem do sobrenome está ligada à forma grega *Egrégorien*, com o significado de aquele que vela, vigilante (OBATA, 1986, p. 95), por isso pode-se inferir que o sobrenome possa ter surgido como denominativo de ocupação profissional. No Brasil, há registro do sobrenome no Rio de Janeiro, logo após a abertura dos portos para as nações amigas, antes de 1815 (BARATA; BUENO, 1999, p. 1.140).

EIDELWEIN – É o décimo segundo sobrenome de origem alemã mais frequente de Estrela, mas não está entre os mais populares do Rio Grande do Sul e do Brasil. Pela estrutura do sobrenome, pode-se inferir que ele tem relação com a palavra vinho, uma vez que *wein*, em alemã, significa vinho. É possível que o Eidelwein signifique vinho nobre, e seu surgimento pode estar relacionado a uma ou mais famílias que se dedicavam a essa atividade profissional: produzir vinhos finos. Guérios (1973, p. 98) registra apenas parte do sobrenome: Eidil, que em germânico significa nobre e em alto-alemão antigo significa fidalgo ou nobre.

WENDT e WERLE – São os sobrenomes de origem alemã que ocupam as posições de número treze e catorze, respectivamente, e cujas origens e significados não foram encontrados, até onde foi possível investigar. No Rio Grande do Sul e no Brasil, esses sobrenomes não estão na lista dos mais frequentes, o que pode levar a crer que eles sejam mais específicos de determinadas regiões e não tão populares quanto outros, especialmente os derivados de profissões. A dificuldade em encontrar o étimo dos sobrenomes é explicada por Schauren (2011) quando ele afirma que eles

são palavras antigas que caíram em desuso com a evolução da língua. Para buscar o significado de cada sobrenome, é necessário pesquisar a época aproximada em que surgiu o sobrenome e buscar o significado que a palavra possuía na época (SCHAUREN, 2011, p. 36).

Sabe-se, portanto, que nem sempre é possível percorrer esse caminho e, por isso, há sobrenomes cuja origem continua obscura na atualidade.

GEORGEN – É o décimo quinto sobrenome de origem alemã mais frequente de Estrela, mas não está entre os mais populares do Rio Grande do Sul e do Brasil. Pela estrutura do sobrenome, pode-se inferir que derive do nome George, usado, inicialmente, como patronímico, isto é, filho de George. O nome, de acordo com Obata (1986, p. 118), vem “do grego *Geórgios* ou *Georgós*, derivado de *Ge-ergon*, o que trabalha com a terra, agricultor”. De acordo com Barata e Bueno (1999, p. 1.079) há registros de uma família germânica com o sobrenome *Georg* estabelecida em Petrópolis-RJ, quando houve a colonização por imigrantes alemães em 1845.

WERMANN – É o décimo sexto sobrenome de origem alemã mais comum de Estrela, mas não está na lista dos mais populares do Rio Grande do Sul e do Brasil. Para Oliver, o sobrenome surgiu a partir da palavra germânica *wehrmann*, com o significado de “homem da lança; ou homem da guerra” (2005, p. 172). A mesma hipótese é levantada por Obata (1986, p. 91), que diz que o sobrenome é uma adaptação do germânico *Wehr-mann*, que significa homem que se defende.

OLIVEIRA – É o terceiro sobrenome de origem lusa mais popular de Estrela, do Rio Grande do Sul e do Brasil. Trata-se de um sobrenome de origem geográfica cujo significado é árvore da azeitona (GUÉRIOS, 1973, p. 170), numa referência aos campos de plantação dessa árvore em Portugal. Barata e Bueno (1999, p. 1.555) igualmente fazem referência à origem toponímica do sobrenome e destacam que se originou de propriedades rurais que cultivavam as árvores da azeitona. Tem-se no ano de 1617 o registro mais antigo do sobrenome no Brasil, ano do casamento de Bento de Oliveira. No Rio Grande do Sul, o sobrenome foi encontrado em documentos do ano de 1734, a partir dos registros da família de Domingos Fernandes de Oliveira.

SCHERER – É o décimo sétimo sobrenome de origem alemã mais popular de Estrela, o oitavo do Rio Grande do Sul e também do Brasil. Guérios (1973, p. 196) explica que a origem do sobrenome apresenta três possibilidades de interpretação, todas com indicativo de atividade profissional: tosquiador, cortador de tecidos ou guarda florestal, este último registrado apenas no baixo alemão. Segundo Barata e Bueno (1999, p. 2.036) os primeiros registros no Brasil ocorreram em 1945, em Petrópolis-RJ, por ocasião da colonização alemã naquele município. Há registros também, a partir de 1900, nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Considerações finais

A partir do levantamento dos sobrenomes do município de Estrela e da posterior análise histórico-etimológica dos 20 mais comuns, algumas considerações, à guisa de conclusão, podem ser tecidas. Em primeiro lugar, existe uma relação muito próxima entre a história de ocupação e colonização do município e a origem étnica dos sobrenomes analisados, principalmente no que se refere à predominância dos de origem alemã. A atual predominância dos sobrenomes germânicos, entre os mais populares, pode ser entendida a partir do histórico do município, uma vez que, a partir da chegada dos imigrantes alemães e seus descendentes, os outros grupos étnicos que ocupavam o território – indígenas, negros e portugueses – foram sendo suplantados por aqueles que estavam em maior número, conforme destaca Schierholt (2002, p. 22).

Situação semelhante, na relação entre o histórico de ocupação de um município e o grupo étnico a que pertencem os sobrenomes na atualidade, pode ser percebida também em outros estudos antroponímicos, como o empreendido por Eckert (2013) acerca dos sobrenomes mais frequentes de Lajeado, município limítrofe a Estrela e deste último emancipado em 1891. Nesse sentido, pode-se fazer referência a Dauzat (1950, p. 06), para quem os nomes carregam consigo o reflexo ou a marca de civilizações de um passado, mesmo que, no presente caso em análise, o passado não esteja tão distante assim.

Um segundo ponto a ser abordado é o do esvaziamento semântico dos sobrenomes, isto é, quando ocorre a perda do conteúdo semântico do item lexical original, fato discutido por Carvalhinhos (2007, p. 13) e que encontra exemplificação também no presente estudo. Pode-se citar o sobrenome *Mallmann*, cujo significado original – juiz ou aquele que mantém a ordem no lugar do julgamento – perdeu-se ao longo do tempo. Hoje, o sobrenome *Mallmann* não se relaciona mais ao significado que ele tinha na época em que surgiu, e, além disso, a palavra *Mall* nem existe mais na língua alemã.

Além da dessemantização apontada acima, pode-se ainda citar que nem sempre é possível encontrar o étimo que carrega consigo o significado original do sobrenome,

fato que pelo menos com *Mallmann* foi possível identificar. Além da dessemantização, considera-se uma perda ainda maior não alcançar o étimo de sobrenomes como *Werle* e *Wendt*, que podem ser considerados totalmente opacos, pois, conforme Schauen (2011, p. 36), seu surgimento deve ter ocorrido a partir de palavras que existiam em determinada fase da língua alemã, e que, com o tempo, caíram em desuso.

Outro ponto a ser analisado é o da tipologia dos sobrenomes, que guarda estreita relação com o grupo étnico-linguístico a que pertencem. No presente estudo, os sobrenomes surgidos de profissões e/ou ocupações estão em maior número, se comparados às demais tipologias, como os de origem geográfica e os patronímicos, por exemplo. Mexias-Simon e Oliveira (2004, p. 39-40) argumentam que é comum, nas línguas germânicas, haver muitos sobrenomes derivados de profissão, o que não ocorre com tanta intensidade nas línguas de origem latina, nas quais são mais frequentes os de origem geográfica. Nesse sentido, dos 17 sobrenomes de origem germânica, 09 (Mallmann, Hauschild, Müller, Diehl, Schneider, Gregory, Eidelwein, Wermann e Scherer) se originaram de atividades profissionais e dos 03 sobrenomes portugueses, 02 (Silva e Oliveira) são de origem geográfica.

Finalmente, as reflexões empreendidas neste estudo, embora breves, mostram que existe uma relação entre os sobrenomes mais frequentes de Estrela e a história de ocupação e colonização do município, fato que também pode ser identificado em outros estudos antroponímicos. Portanto, além de contar a história de uma comunidade, estudar os sobrenomes permite identificar a origem étnico-linguística de seus habitantes e, se o estudo for realizado de tempos em tempos, torna-se possível até mesmo identificar correntes migratórias de uma região para outra.

Referências

BARATA, Carlos Eduardo; BUENO, Antônio Henrique da Cunha. *Dicionário das famílias brasileiras*. v. 01 e 02. São Paulo: Ibero América, 1999.

CARVALINHOS, Patrícia de Jesus. As origens dos nomes de pessoas. *Domínios de Linguagem*, Ano 1, nº 1, 1º Sem. de 2007, disponível em www.dominiosdelinguagem.com.br. Acesso em: 27 mar. 2013.

DAUZAT, Albert. *Les noms de personnes: origen et évolution Prénoms – Noms de famille – Surnoms*. 4 ed. Paris: Delagrave, 1950.

DICK, Maria Vicentina do Amaral. *Toponímia e Antroponímia no Brasil: Coletânea de Estudos*. 3 ed. São Paulo: Serviços de Artes Gráficas do FFLCH, 1992.

_____. A Investigação Linguística na Onomástica Brasileira. *Estudos de Gramática Portuguesa III*. Frankfurt am Main, v. III, 2000.

FERRI, Gino. *História do rio Taquari-Antas*. Encantado: Grafen, 1991.

GUÉRIOS, Rosário Farani Mansur. *Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes*. 2 ed. São Paulo: Ave Maria, 1973.

ECKERT, Kleber. Quem é quem? Um estudo antroponímico a partir dos sobrenomes do município de Lajeado-RS. *Domínios de Linguagem*, vol. 7, nº 1, jan./jun. 2013, disponível em www.dominiosdelinguagem.com.br. Acesso em: 01 jul, 2015.

HESSEL, Lothar. *O município de Estrela: história e crônica*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1983.

KLERING, Luis Roque. *Nomes mais comuns na terra do Rio Grande do Sul (RS)*. (1988). Disponível em: www.terra gaucha.com.br/nomesRS. Acesso em: 16 out. 2012.

MARCATO, Carla. *Nomi di persona, nomi di luogo: introduzione all'onomastica italiana*. Bologna: il Mulino, 2009.

MEXIAS-SIMON, Maria Lucia; OLIVEIRA, Aileda de Mattos. *O nome do homem: reflexões em torno dos nomes próprios*. Rio de Janeiro: HP, 2004.

MIORANZA, Ciro. *Filius Quondam: a origem e o significado dos sobrenomes italianos*. 2 ed. São Paulo: Larousse, 2009.

OBATA, Regina. *O livro dos nomes*. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

OLIVER, Nelson. *Todos os nomes do mundo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

ROSSEBASTIANO, Alda; PAPA, Elena. *I nomi di persona in Italia: dizionario storico etimologico*. Torino: UTET, 2005.

SCHAUREN, Décio Aloísio. *A busca das origens: história e genealogia da família Schauren*. São Leopoldo: Oikos, 2011.

SCHIERHOLT, José Alfredo. *Estrela: ontem e hoje*. Lajeado: O Autor, 2002.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Referência e Onomástica. *Múltiplas Perspectivas em Linguística*. MAGALHÃES, José Sueli de; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. (org.). Uberlândia: Edufu, 2008, p. 1945-1952. Disponível em: http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_442.pdf. Acesso em: 27 mar. 2013.

SIMÕES, João Manuel. *Um breve estudo de antroponímia brasileira: sobrenomes portugueses*. Curitiba: Multideia, 2011.

<www.mallmann.jur.adv.br.> Acesso em: 29 dez. 2012.

<http://www.brasil.diplo.de/Vertretung/brasilien/pt/___pr/Nachrichten_20Archiv/23.02.15_20_Sobrenomes_20_alemaes.html?archive=3303638> Acesso em: 18 set. 2015.

<<http://genealogiafamiadiehl.blogspot.com.br/2009/09/origem-do-sobrenome-diehl.html>.> Acesso em: 18 set. 2015

<http://www.hauschildt-aukrug.de/hauschildt_name.htm> Acesso em: 18 set. 2015.

<<http://imigrantedietrich.blogspot.com.br/search/label/Hist%C3%B3ria>> Acesso em: 18 set. 2015.

Recebido em: 02/11/2015

Aceito em: 07/01/2016
